

Festa da Uva e política fascista: narrativa de operosidade e resgate de italianidade

LUIS FERNANDO BENEDEZI*

Il problema dell'alcoolismo, così com'è inteso nei paesi nordici, non esiste in Italia, poiché il nostro popolo non consuma liquori alcolici. Gli italiani consumano esclusivamente vino. Ed il vino è un prodotto della civiltà occidentale; squisito prodotto delle vigne e delle uve del Mediterraneo, nato dalle gioiose nozze del sole, del cielo e della terra.
Chiunque parli del vino, quindi, parla della civiltà della razza bianca.
Benito Mussolini

Na Revista da Uva, publicada em Caxias do Sul, em ocasião da terceira Festa da Uva, em 1933, foi inserido um artigo de Benito Mussolini intitulado “Il vino nella vita e nella civiltà delle nazioni”, o qual se constitui em uma apologia ao vinho, feita em linguagem coloquial, cordial e amistosa: uma propaganda da nova Itália. Como se pode observar no fragmento que foi apresentado na epígrafe do presente artigo, o *Duce* procura exaltar as qualidades nacionais e étnicas italianas através do uso moderado deste produto da civilização ocidental. De fato, as questões que estão em jogo apresentam o vinho apenas como pano de fundo, como justificador da produção de um discurso étnico em uma festa que o coloca ao centro da comemoração. As importantes considerações que faz Mussolini objetivam enaltecer a italianidade em um contexto de superioridade da cultura ocidental e da raça branca.

O texto utilizado pelos organizadores da Festa da Uva de 1933 não foi originalmente produzido para o evento, sendo a reprodução de um artigo divulgado pelo quotidiano ítalo-argentino “Il Mattino d'Italia”, em janeiro do mesmo ano. É importante saber, como afirma Eugenia Scarzanella, que o jornal em questão se tratava do maior quotidiano em língua italiana presente na Argentina, naquele período, e era um dos mais representativos órgãos de divulgação do fascismo (SCARZANELLA, 2005). Fundado pelo empresário Vittorio Valdani, personagem de liderança entre os empreendedores argentinos e entre os membros dos *Fasci*, o jornal foi responsável por todas as coletas de fundos e solicitação de empréstimo feito em nome do regime. Essa aproximação ao jornal argentino revela dois elementos chave: a circulação das

* Professor Adjunto de História e Instituições da América Latina junto à Universidade de Veneza. A pesquisa que deu origem ao presente artigo foi realizada com o financiamento recebido do CNPq, através do Edital de Ciências Humanas.

publicações ítalo-latino-americanas no sul da América Latina e o diálogo entre grupos argentinos e sul-brasileiros.

As ideias que o artigo mussoliniano traziam à luz estavam fortemente vinculadas à política fascista de construção de um novo homem, controlado, regrado, moderado. Ao destacar no vinho as qualidades de um povo civilizado, ressaltava essa característica italiana – real ou imaginada – de autocontrole, vista no modo como o alcoolismo não se encontrava fortemente disseminado em meio à população. Como dizia o *Duce*, o vinho era um símbolo dos “países de civilização branca”, sendo considerado em pari mérito com o pão, sendo o seu companheiro tanto na mesa dos pobres quanto naquela dos ricos. De uma certa maneira, utilizar esse texto no espaço de comemoração da terceira Festa da Uva apresenta um sentido muito forte de recuperar para aquela coletividade da serra gaúcha os elementos positivos desfrutados pela italianidade, através de um testemunho impactante como aquele de Benito Mussolini.

O peso que Mussolini adquire entre os anos 20 e 30 do século XX está diretamente ligado ao espaço ocupado pela nação italiana no contexto internacional e pela imagem da península que o regime consegue construir tanto na relação com os demais Estados quanto na divulgação junto às comunidades de imigrantes. Segundo Trento, mesmo sendo um prestígio internacional com fundamentos frágeis e construído sobre jogos instáveis de poder, a sua força é confirmada na atuação dos grandes governos ocidentais. Sem dúvida essa percepção positiva de uma potência italiana, representada na figura de seu líder máximo, era ainda mais forte nas comunidades de imigrantes – aliás, “italianos no exterior”, nova denominação fascista de 1926 – que viam nessa nova condição da terra de partida uma possibilidade de resgate:

É óbvio que, no exterior, essa situação tornava-se muito mais motivo de orgulho do que na própria Itália, em particular nos países em que a emigração tivera que suportar, anteriormente, o peso de uma condição social que expunha a marginalizações de vários tipos (TRENTO, 1989: 302).

Essa nova condição italiana acaba coincidindo com a situação de crescimento vivido pelas elites coloniais no Rio Grande do Sul, tanto no campo político quanto naquele econômico. As comemorações da Festa da Uva, já realizadas nos dois anos anteriores, assim como a celebração dos cinquenta anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, festejados com muitos eventos no ano de 1925, acabam funcionando

como uma re-elaboração do processo imigratório. A leitura mnemônica que se produz sobre a travessia e a ocupação da nova terra trazem consigo o sinal epopéico da superação de enormes dificuldades rumo à vitória conquistada: os imigrantes e seus descendentes são os grandes atores deste sucesso colonial.

Em um certo sentido, os imigrantes são importantes para o discurso fascista que exalta a laboriosidade das populações peninsulares dentro e fora do território nacional, porque se transformam na concretização deste conceito de industriiosidade itálica. Todavia, o inverso também é verdadeiro, pois a grandeza da Itália colabora na construção desta imagem do colono que soube bravamente ocupar e tornar produtiva a terra. Já em 1925, no álbum comemorativo do cinquentenário da imigração italiana, Mussolini destaca essa qualidade dos imigrantes que haviam construído a grandeza da terra que tinham ocupado (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, 1925).

Neste entrelaçamento entre os fragmentos mnemônicos que reconstroem o passado imigratório e os componentes de um presente forjado pela ideia de uma imigração que deu certo, dá um passo importante no processo de construção de uma coesão identitária entre os homens e mulheres da serra gaúcha. Essa dinâmica de elaboração da identidade étnica italiana não acontece em uma maneira cristalizada, mas é o resultado de uma constante re-proposição de símbolos e de emblemas que partem desses elementos demarcadores da positividade do coletivo. O próprio percurso histórico do grupo, recontado a partir desta chave épica de leitura, será parte integrante na construção desta auto-representação do grupo de italianos e descendentes nas montanhas do Rio Grande do Sul.

Neste conjunto de construção identitária das décadas de 20 e 30, a própria pessoa de Mussolini irá compor – através de suas falas e dos discursos e mensagens de seus embaixadores – essa representação da comunidade italiana vitoriosa. Assim como o *Duce* deu à Itália um novo espaço e uma nova importância no cenário internacional, ele concedeu um novo significado às comunidades italianas no exterior e uma nova percepção diante das sociedades de acolhida. Nesse sentido, Benito Mussolini torna-se uma encarnação da figura emblemática apresentada por Bronislaw Baczko, na qual a comunidade se vê representada nos atos tidos como heróicos (Baczko, 1991). A imagem do grande líder que dialoga em nível internacional, impõe regras, participa das

grandes decisões em nível continental, levando a península de uma posição de periferia no contexto europeu a um lugar central na política do continente é partilhada e vivida por todo o grupo que se entende como “italiano”. O *Duce* representa e atualiza o grupo social como um todo, inclusive aquele que vive além da fronteira física da Itália: as vitórias do grande *condottiero* são aquelas do seu povo.

A própria representação do processo migratório construída pela política fascista e pelos discursos do grande líder era vista sob uma perspectiva positiva: a emigração não era uma fragilidade da nação, mas uma sua força. Segundo Bertonha, recordando as falas de Mussolini, as partidas dos italianos para outros países eram uma dimensão das ideias nacionalistas da “pátria em expansão”, um sinal indelével do vigor da raça italiana (BERTONHA, 2001). Mesmo que o autor minimize a possibilidade de uma compreensão do ato migratório como continuidade de uma ideia de “colonização pacífica”, é importante ter presente o que destaca Piero Brunello, que o conceito de “colonização” nunca foi apresentado de maneira clara e definida no contexto italiano anterior a primeira guerra mundial (BRUNELLO, . O autor comenta que a mesma definição era utilizada para a ação dos militares italianos no continente africano e nas zonas de imigração da América do Sul. Nesse sentido, o próprio álbum comemorativo dos cinquenta anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, mencionado anteriormente, trazia em si a celebração da colonização no estado.

Na esteira dessa concepção de uma Itália fora do território italiano e de uma espécie de extensão da nação, pode-se observar uma mudança na política de Estado, parte de uma característica inovadora do regime, que entende que a atuação em favor da pátria por parte dos imigrantes está relacionada ao seu próprio vínculo com essa. Dessa forma, o Estado atua uma política de aproximação entre duas instâncias – aquela política, representada pelo fascismo, e aquela étnico-identitária, fundada na manutenção dos vínculos de pertencimento com a pátria distante:

A originalidade do regime foi a sua identificação da italianidade com o fascismo, o que levou a suplementar a tradicional política de maiores relacionamentos e tutela dos emigrantes (já defendida pelos nacionalistas) com uma associação da Pátria italiana ao regime fascista (BERTONHA, 2001: 29).

Essa nova política – marcada por elementos que associam a vida dos italianos no exterior às dinâmicas civilizatórias na nação italiana – acaba por associar todas as

conquistas da imigração às vitórias da italianidade em nível internacional. As celebrações da operosidade do colono italiano, que construiu a pujança da região colonial no Rio Grande do Sul, são inseridas, dessa maneira, em um contexto maior de ação positiva da italianidade: comemorar a produção da uva e – como consequência também aquela do vinho – é destacar, lembrando a publicação do artigo de Mussolini, a ação civilizatória da raça branca, em um contexto de moderação e sobriedade inerentes a raça italiana.

Em um certo sentido, a possibilidade de utilizar as comemorações da epopéia da imigração como parte da ação da italianidade no mundo e o uso das comunidades de italianos no exterior como parte de uma política colonizatória era percebida com entusiasmo pelos ideários do fascismo italiano. Como dizia Mussolini, em um discurso proferido em Milão, em 1923, “Em qualquer lugar que estiver um italiano, lá estará o tricolor, lá estará a pátria, lá estará a defesa do governo” (MUSSOLINI apud TRENTO, 2005: 3). No entanto, a fala do *Duce* não trazia consigo unicamente uma ênfase em uma política de potência da nação, ela também permeava uma consciência da incapacidade de desenvolvimento, em âmbito internacional, de uma política clássica de colonização. Dessa forma, os espaços ocupados pelo grupo étnico tornam-se vitais para uma expansão comercial, cultural e da própria força do Estado fascista:

A grande quantidade de compatriotas, particularmente na Argentina e o Brasil, teria podido determinar uma expansão que se tornava diferentemente impossível através do imperialismo clássico, considerando a escassez de capitais e a timidez (e o provincianismo) de um empresariado que se desenvolveu sob a tutela do Estado. Uma expansão, dessa forma, de tipo pacífico, mas não por isso menos eficaz, com a possibilidade de utilizar os expatriados como instrumento de penetração comercial e cultural, e também da política externa, como canalizador para direcionar a opinião pública estrangeira em um sentido favorável a Roma (TRENTO, 2005: 3)

Essa apropriação por parte da política fascista dos feitos dos imigrantes, através do discurso dos representantes do governo italiano que participaram nas comemorações da Festa da Uva, por meio de uma vinculação a uma identidade étnica italiana, será um recurso de linguagem fortemente usado. As narrativas e as imagens farão sempre menção a um substrato comum de italianidade que permanece presente na zona colonial e que vincula profundamente os italianos dos dois lados do oceano. Efetivamente, está-se em um momento de forte interesse na criação de um grupo étnica italiano,

amalgamando as experiências dos imigrantes oriundos de diferentes regiões da Itália. Desde as comemorações dos cinquenta anos da imigração, busca-se forjar essas representações comuns, re-elaborando uma história da coletividade e criando um denominativo comum que superasse as divisões de proveniência, colocando todos sob o termo guarda-chuva de italianos.

A divulgação da Festa da Uva vem colaborar para este fim, pois as falas enaltecem essa operosidade italiana, as imagens destacam a italianidade da população, os textos dão relevo a esse transplante da *italica gens*. A mesma revista que na edição de 1933 publicou a carta de Mussolini, oferece a imagem de uma linda mulher, adornada com cachos de uva, posta em meio aos parreirais, solicitando a atenção e o interesse do leitor. Essa imagem, que é selada com uma didascália, onde o leitor é conduzido a observar os detalhes que enfatizam a grandiosidade do momento celebrado, termina associando, na fisionomia da figura feminina, as duas pátrias:

Quem será esta deliciosa e pudica bacchante a qual simboliza, com o seu maravilhoso sorriso convidante, mais ainda dos bons cachos saborosos, a festividade vendemial e parece dizer-vos: “apresai-vos, colhei os bagos sumptuosos, pois este dia luminoso passa logo e o outono grisalho voltará com todos os seus lethargos”? Parece tel-a vista em sonho, no horizonte de um Paiz longico, ou não é uma authentica italiana de Caxias? (Revista da Uva, 1933)

Para além do convite a aproveitar este dia especial – entendido não somente como festa do vinho, mas, também, como festa do trabalho – o texto da imagem publicitária destaca a autenticidade da representação de italianidade da modelo. Se os cachos e os bagos de uva dão a conhecer o fruto do trabalho do imigrante, os elementos fisionômicos que permitem a ilusão de estar em um país longínquo, poder-se-ia dizer de além-mar, mostram quem é o autor de todo esse trabalho que produziu o néctar dos deuses e o crescimento da região colonial: o elemento italiano.

Mesmo no ano anterior, na festa de 1932, as mesmas considerações de italianidade são consideradas, tanto na forma de denominação da empreendedora população que criou a pujança da região colonial e do estado do Rio Grande do Sul quanto no enaltecimento da nobre pátria italiana. Nas diferentes falas reportadas no jornal “Diário de Notícias”, sobressai a imagem da grande força trabalhadora italiana que construiu aquela realidade de crescimento econômico e progresso social. O próprio

Flores da Cunha, ao iniciar seu discurso, reproduzido no cotidiano, saúda tanto italianos quanto sul-riograndenses, dando ênfase a uma outra nota importante dos espaços de comemoração: a construção harmônica desse contato entre a península itálica e o Brasil.

O general Andrade Neves é claro em seu discurso, quando chama a atenção do embaixador Vittorio Cerruti para três coisas: a grandeza e nobreza da pátria italiana, a contribuição do elemento italiano e a irmandade que se construiu entre italianos e brasileiros. Suas afirmações acabam resumindo o tomo amistoso que se apresenta nas relações entre o governo brasileiro e sul-rio-grandense e aquele italiano, visto que enfatiza de maneira muito forte a aproximação da missão das duas pátrias (brasileira e italiana) que mostram a sua encarnação no encontro das duas “raças”:

Vossa Excelência constata que os italianos que vieram trazer ao Brasil seu apoio, o seu conforto moral e a sua cooperação valiosa para o beneficiamento de nossas riquezas, futuro e prosperidade, aqui não são italianos, pelo contrário, são nossos irmãos queridos que continuamente juntamos de encontro ao nosso coração. (PENA, 1932:3)

Mas essa proximidade entre as duas pátrias, essa harmonia entre os trabalhadores dos dois grupos, como enfatiza Adolfo Pena, é fruto também de uma proximidade de intenções e ideário entre o governo brasileiro e aquele italiano. Também neste aspecto a figura de Mussolini é essencial, seja pela admiração que produzia junto a importantes expoentes da política brasileira seja pela representação de governo forte que representava, em seus gestos, no ritualismo que envolvia suas falas a nação, na produção de uma imagem de poder que suas poses significavam. O jornal torna essas aproximações evidentes, pois na terceira página do suplemento, bem ao centro da página, traz a imagem do interventor Flores da Cunha, que pode facilmente levar um observador menos atento a confundi-lo com Mussolini. Em uma postura clássica do grande *condottiero* italiano e vestido com um traje militar típico do varguismo, mas traje cotidiano do *Duce*, o interventor traz consigo essa fusão imagética de duas nações, dois governos, dois povos e uma mesma representação do poder: torna-se um emblema da simpatia pela organização do fascismo.

A importância desta relação entre Estado Novo e Fascismo – assim como entre a Festa da Uva enquanto representação de um certo conceito de italianidade – pode ser percebida pela forma como a celebração vai ser interrompida a partir do processo de

nacionalização. As comemorações da festa da Uva, que têm início no ano de 1931, não acontecerão durante todo o período do Estado Novo, sendo retomadas somente no ano de 1950, no novo governo Vargas. Na medida em que o projeto de nacionalização acaba excluindo esta festividade do calendário de eventos possíveis dentro de uma política de valorização do nacional, pode-se perceber que a forma como ela era conduzida enfatizava a estima do trabalho estrangeiro, mesmo que marcado pela harmonia com o elemento nacional.

Certamente as marcas de italianidade não faltavam em Caxias e nem mesmo na Festa da Uva, e os representantes consulares não deixavam de destacá-las. No caso do Cônsul Geral da Itália no Rio Grande do Sul, Comendador Mario De Carli, a própria paisagem criada pelos imigrantes, combinando o trabalho agrícola, as construções arquitetônicas, as fisionomias e os falares, tudo conduzia a reconstrução de uma nova Itália. A festa mesmo, segundo seus escritos publicados na Revista da Uva de 1933, marca essa característica italiana da comemoração. Ele coloca na boca do Embaixador, quando de sua participação na festa do ano anterior, a qualificação do evento como festa italiana. Em sua narrativa, exalta ainda as condecorações de italianidade concedidas a nobres habitantes de Caxias do Sul, naquele ano, como a insígnia Oficial da Coroa da Itália, com a qual foi agraciado o prefeito Dante Muratore, ou como a ordem de Cavaliere, dada a Dante Marcucci (DE CARLI, 1933).

O Cônsul, como se poderá ver ainda com maior ênfase logo adiante, coloca em prática dois elementos importantes da política fascista para a América do Sul: o reforço da italianidade e a produção de uma inserção positiva no contexto da terra de chegada. No primeiro caso, torna-se importante salientar os elementos observáveis ao interno da colônia que refletem os aspectos peculiares da terra de partida. Com relação ao segundo, deve-se destacar a maneira como a coletividade italiana (de nascidos na Península e de seus descendentes) vem cooperando para o desenvolvimento regional e nacional. A ação da política fascista desta década de 30 traz consigo um mote importante: integrar-se, mas sem perder o vínculo com a mãe pátria.

Il texto apresentado por De Carli, em uma narrativa lírica, que se aproxima a uma cantilena, fala da Festa da Uva de 1933 como um momento de renascimento ou revigoração da italianidade presente na zona colonial italiana. Falando de um “perfume das colinas venetas” que já se podia sentir em Porto Alegre e que se irradiava

por toda a laguna, o autor narra sua viagem como um mergulho em uma espécie de Itália profunda, em uma terra que se redescobre italiana e que o surpreende pela sensação de casa, de pátria, que traz consigo:

As primeira sensações de um temperamento vivaz e fremente – a colônia respira italianidade como se pela primeira vez, depois de muitos anos de um letárgico abandono, revisse a sua Mãe antiga – se acavallando sobre meus nervos aliviados pela aerada atmosfera na qual o doce falar vêneto sobe e me acaricia como um bom sopro de ar da pátria¹ (DE CARLI, 1933).

Na verdade, a viagem pela região serrana do Rio Grande do Sul, sempre considerando o texto produzido pelo Cônsul, é caracterizada, também, por um mergulho no passado pessoal do próprio viajante. Para ele, recordar o Vêneto não é apenas se lembrar da pátria distante ou de uma experiência física de sons e paisagens. O Vêneto que ele desvela, e que ele vai detectando em diferentes imagens que passam em sua frente, é parte de uma narrativa mnemônica que traz mais uma vez à mente a experiência vivida durante a primeira guerra mundial. É uma vivência marcada pela dor, pela visão de uma região atormentada pelo conflito bélico, pelas metralhadoras que tomam conta dos campos e pelas granadas que explodem em todo lugar. O olhar do viajante é marcado pela melancolia da perda e pela surpresa do reencontro, aquela terra imaginada de alguma forma era revivida – mesmo que em uma realidade fragmentária – do outro lado do Atlântico.

De Carli irá observar o sentimento patriótico do imigrante italiano e de seus descendentes para com a terra de nascimento a partir dos elementos que para ele são mais significativos e marcantes, como a experiência da guerra. Vai ser por isso que ele vai dar um destaque especial para a memória daqueles que combateram no front italiano durante a Grande Guerra de 1914. O pertencimento pátrio, na visão deste viajante, será marcado pela participação com a vida, ou no risco da perda da mesma, para a defesa da nação e esse fator se torna ainda mais digno de exaltação quando aquele que se alista se encontra do outro lado do oceano. A vivência dolorosa da imigração e o regresso para

¹ Devido as características líricas da narrativa de viagem do cônsul italiano, decidiu-se apresentar a tradução feita pelo autor do presente artigo no próprio texto, colocando em rodapé a versão original, em italiano. “Le prime sensazioni di uno stato d’animo acceso e fremente – la colonia respira la sua italianità come se per la prima volta, dopo tanti anni di letargico abbandono, rivedesse la sua Madre antica – s’acavallando sui miei nervi alleggeriti dalla aerata atmosfera in cui il dolce eloquio veneto sale ad accarezzarmi come un buon soffio di aria patria”.

lutar pela pátria são elementos que dão um valor ainda maior para aqueles que combateram no norte da Itália e devem ser lembrados nesta festa da italianidade:

Assim também não se conseguiria conceber que de uma raça tão atormentada pelo seu transplante se pudesse requerer ainda o sacrifício voluntário da guerra, como diferentemente foi concedido pelos filhos dos pioneiros que se chamam Luiz Sparano, nascido aqui, voluntário no Carso, três vezes ferido, duas vezes condecorado pelo valor, hoje brilhantíssimo adido comercial da Embaixada Brasileira de Roma; como foi dado pelos mutilados Tonon e D'Origon de Bento Gonçalves, pelos mortos Pietro Brunello de Garibaldi, Gobbi e Bucco da linha Graziella².

O sentimento de italianidade – segundo a narrativa de De Carli – era fortemente presente na coletividade dos imigrantes italianos e o texto destaca, inclusive, o sacrifício daqueles que não nasceram na Península, mas que a ela se dirigiram para lutar e morrer por uma pátria que ainda consideravam sua. Esse sentimento é analisado pelo autor na manutenção de uma paisagem que reporta à terra de nascimento, pelo falar dialetal que permanece dando forma às experiências quotidianas, na operosidade que fazia imprescindível a presença italiana no crescimento do sul do Brasil.

A narrativa do Cônsul italiano, embora não se possa – por motivos de espaço – apresentá-la de maneira mais completa, é emblemática desse processo de associação entre memória e pertencimento. Os espaços comemorativos irão colaborar grandemente para a construção de uma certa identidade italiana entre os descendentes de segunda e terceira geração, recontando, agora com a marca da vitória, a experiência imigratória e reatando os vínculos com uma Itália imaginada e imaginária que se torna base dessa narrativa. Por sua vez, os representantes do governo itálico, impulsionados por uma política fascista de revalorização das massas de “italianos no exterior”, irão investir na criação de um vínculo entre terra de partida e fascismo: Mussolini, através do culto do líder, será o grande colante deste objetivo.

Mesmo que não tenha havido uma participação importante das massas de imigrantes na política efetiva do partido fascista, através da inscrição dos *fasci di combattimento*, houve um sentimento que permeou a coletividade de orgulho de uma

² Original em italiano - “Come pure non si saprebbe concepire che da una razza così tormentata nel suo trapiantamento, si potesse richiedere anche il sacrificio volontario della guerra, come invece fu dato invece da figli di pionieri che si chiamano Luiz Sparano, nato qui, accorso volontario sul Carso, tre volte ferito, due volte decorato al valore, oggi brillantissimo addetto Commerciale all’Ambasciata brasiliana di Roma; come fu dato dai mutilati Tonon e D’Origon di Bento Gonçalves, dai morti Pietro Brunello di Garibaldi, Gobbi e Bucco della frazione Graziella”.

grande nação, representada pelo líder máximo do fascismo. Dessa forma, a Festa da Uva acabou colaborando para a criação deste vínculo da grande nação que enviou seus filhos para cooperar no desenvolvimento de outros territórios e este trabalho deu certo, visto o modo como os imigrantes superaram as dificuldades da ocupação do solo, produzindo riqueza e desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

BACZKO, Bronislaw. **Los Imaginarios Sociales: memorias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.

BERTONHA, João Fábio. **O Fascismo e os imigrante italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso e Cia.; Livraria do Globo, 1925.

DE CARLI, Mario. “La mia prima visita a Caxias”. **Revista da Uva**, Terceira Festa da Uva. Caxias do Sul, fevereiro de 1933 (Fundo 01.04.05)

GIRON, Loraine Slomp. **As Sombas do Littorio**. O Fascismo na Regiao Colonial Italiana no Rio Grande do Sul. Campinas: UNICAMP, 1989. (Tese de Doutorado).

PENA, Adolfo. Fala do Dr. Adolfo Pena. Diário de Notícias, suplemento, 01 de março de 1932.

REVISTA DA UVA, **Terceira Festa da Uva**. Caxias do Sul, fevereiro de 1933 (Fundo 01.04.05)

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. **Festa e identidade – Como se fez a Festa da Uva**. Caxias do Sul: EDUSC, 1994.

SCARZANELLA, Eugenia. “Il Fascismo italiano in Argentina: al servizio degli affari”. In: SCARZANELLA, Eugenia. **Fascisti in Sud America**. Florença: Le lettere, 2005. (pp. 111-149)

TRENTO, Angelo. “‘Dovunque è un italiano, là è il tricolore’. La penetrazione del fascismo fra gli immigrati in Brasile”. SCARZANELLA, Eugenia. **Fascisti in Sud America**. Florença: Le lettere, 2005. (pp. 03-37)

_____. **Do outro lado do Atlântico – Um século de imigração italiana no Brasil**, São Paulo: Instituto Italiano de Cultura/Nobel, 1989.